

Josée Contreras
Jeanne Favret-Saada

AH! A CRETINA, A VIZINHA MISERÁVEL...!¹

TRADUÇÃO
Adriane Luísa Rodolpho
Caroline Borges

Em uma cura psíquica, o trabalho do terapeuta consiste essencialmente em envolver, de modo gradual e imperceptível, o infortúnio do qual o paciente queixa-se em uma formação mental que não seja nem necessariamente imaginária, nem totalmente realista: é suficiente apenas que seja plausível. O terapeuta, assim, abre um espaço de diálogo, um espaço entre o fictício e o real, onde o excesso de realidade e a rigidez do mal-estar podem começar a se dissolver. As modalidades particulares do distúrbio, as características do terapeuta, a natureza da formação mental, o seu modo de expressão e as manobras que ela permite aos participantes da terapia são, em conjunto, culturalmente codificados. Dessa forma, cabe precisamente à Antropologia sua descrição e comparação. É a um exercício desse tipo que nós convidamos o leitor, a partir da análise do caso de Madame Flora, uma desenfeitadora da região de Bocage, no oeste da França, especialista em resolver as crises de feitiçaria – a partir de uma

¹ No original: *Ah! La féline, la sale voisine...* Revista *Terrain*, 1990, n. 14, p. 20–31. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrain/2968>. Acesso em: 14 dez. 2018. CREATIVE COMMONS (CC-by NC ND).

técnica de cartomancia por ela inventada².

UMA CRISE DE FEITIÇARIA E SEU TRATAMENTO

Na região do Bocage, a feitiçaria é invocada quando uma fazenda encontra-se mergulhada em um estado de crise permanente – designação que se faz apenas no âmbito privado, uma vez que, publicamente, sua existência é negada, repudiada. Atribui-se então aos “*sortilégios*” as desgraças que se repetem no lugar sem nenhuma razão aparente: animais e pessoas tornam-se estéreis, ficam doentes ou morrem; vacas abortam ou secam o leite; vegetais apodrecem ou secam; construções queimam ou desmoronam; máquinas não funcionam; vendas caem. Os fazendeiros recorrem aos especialistas – médicos, veterinários, mecânicos, entre outros – que, por sua vez, dizem não entenderem nada sobre o que acontece.

Todas essas adversidades são explicadas por uma espécie de perda de “*força*” do proprietário da fazenda e chefe de família, e é apenas a ele que se dirige o anúncio ritual do estado de enfeitiçamento³: “*por acaso, não teria alguém que desejasse o teu mal?*”. É ele, também, o único que dizem que foi enfeitiçado, mesmo que, pessoalmente, não sinta nada. Vacas, beterrabas, tratores, crianças, chiqueiros, esposa e plantações não são jamais atingidos por eles mesmos, mas por sua relação com o dono da fazenda e chefe de família, já que lavouras, animais, máquinas e família são suas. Em resumo, suas propriedades. O enfeitiçamento o afeta, primeiramente, como um sujeito de direito (o titular das capacidades próprias a um proprietário) e, apenas como consequência, como um sujeito psicológico (uma pessoa privada, com suas particularidades biográficas, com sua bagagem de traumas e conflitos intra-psíquicos).

Supõe-se de um proprietário cuja fazenda sofra de infortúnios repetidos que “*a sua força tenha sido retirada por um feiticeiro*”. (Ao que parece, ninguém, no Bocage, joga sortilégios, o que não impede alguns de recebê-los). O feiticeiro é, também, o dono de uma propriedade/e chefe de família, próximo, mas não parente do enfeitiçado, considera-se que queira captar a “*força*” normal ou vital desse, ou seja, sua capacidade de produção, de reprodução e de sobrevivência. O feiticeiro possui uma “*força anormal*”, sempre maléfica que exerce praticando rituais precisos ou, ainda,

² De 1982 a 1986, analisamos os dados que uma de nós (Favret-Saada) havia trazido de sua pesquisa de campo realizada entre 1969 e 1972: além de um diário de campo, trinta sessões gravadas na casa de Madame Flora. Sobre a feitiçaria do Bocage e sobre esta experiência de campo, conferir Favret-Saada, J. 1977. *Les Mots, la Mort, les Sorts. La sorcellerie dans le Bocage*. Paris: Gallimard.; Favret-Saada J. et Contreras, J. 1981. *Corps pour Corps. Enquête sur la sorcellerie dans le Bocage*, Paris, Gallimard.

³ Conservamos deliberadamente a ortografia utilizada localmente para os termos “enfeitiçamento” e “desenfeitiçamento”.

utilizando os canais ordinários de comunicação, como o olhar, a fala e o toque. A “*força anormal*” do feiticeiro sugando a “*força normal*” da sua vítima transforma as duas propriedades em vasos comunicantes: à medida que uma recebe riquezas, saúde e vida, a outra esvazia-se até a ruína ou a morte.

Como todo o contato com o feiticeiro (e também com a sua família) provoca devastações, o enfeitado não tem outra solução senão procurar a intervenção de um mágico profissional, “*o desenfeitador*” – também possuidor de uma “*força anormal*”, benéfica para seu cliente e maléfica para os agressores deste último. Sua atuação como feiticeiro é conhecida apenas por aqueles que se consultam com ele, uma vez que sempre há o risco de ser acusado de charlatanismo ou exercício ilegal da medicina. Frequentemente, aliás, conserva uma atividade profissional de fachada, seja no artesanato ou na lavoura. Cada desenfeitador tem seus métodos de desencantamento, suas maneiras de fazer e de falar, aperfeiçoadas durante vários anos de prática solitária, inspirando-se tanto nos ensinamentos de seu iniciador como nos poucos “*livros*” que caíram em suas mãos.

Em uma crise de feitiçaria seu trabalho consiste, em princípio, em “*enviar o sortilégio de volta para o feiticeiro*”, ou seja, praticar um ritual. Por exemplo, o desenfeitador, na presença da família enfeitada, e apenas dessa, ferve o coração de um boi e espeta nele muitos espinhos, desafia o feiticeiro adversário e parece ter uma briga feroz com ele. Os narradores sustentam, sem nenhuma ambiguidade, que esse combate ritual produz um efeito real e instantâneo sobre o feiticeiro adversário, que, no entanto, está ausente da fazenda onde age o desenfeitador⁴: o feiticeiro adversário se retorce de sofrimentos, como se fosse vítima de picadas ou queimaduras; essa reação violenta, que ele sente no seu corpo é o prelúdio de uma série de infortúnios incompreensíveis, repetidos, comparáveis na mesma medida e gravidade aos que os enfeitados experimentaram. Estes últimos recuperam a totalidade de seu potencial produtivo e reprodutivo: a saúde, a fecundidade dos animais, a fertilidade das terras.

Oficialmente, tudo o que acontece num desenfeitamento é a realização deste ritual por um desenfeitador. Entretanto, no trabalho de campo, uma de nós ficou surpresa com o fato de que esse ritual ocupa, em suma, um lugar modesto no processo de desenfeitamento: o mágico faz, ele mesmo, e faz, também, com que seus clientes façam uma série de outras coisas para reduzir a crise. O conjunto dessas ações equivale a uma terapia do coletivo familiar de uma fazenda (já que o desenfeitador trata de todos os membros da família em conjunto), um processo de mudança psicológica que se estende por vários meses. A análise do trabalho de Madame Flora, uma cartomante–desenfeitadora da qual uma de nós foi

⁴ O desenfeitador não o conhece e nunca o conhecerá, pois vivendo longe de seus clientes, não sabe nada sobre suas histórias nem sobre sua rede de relações.

cliente e testemunha durante dois anos, mostrará como essa mudança ocorre.

O CONTEXTO DA TERAPIA

De maneira objetiva, um desenfeitiçamento com Madame Flora acontece da seguinte maneira: as três primeiras sessões ocorrem em intervalos de nove dias; depois o ritmo torna-se mensal durante um tempo indeterminado, no mínimo por quatro meses.

A sessão, que dura, aproximadamente, duas horas, acontece na pequena sala de jantar de Madame Flora. Normalmente, o casal enfeitiçado faz consulta juntos, frequentemente, acompanhados por seus filhos. Seja qual for o número de consultantes, a sessão custava em 1970-1972, aproximadamente, quarenta francos⁵: dez francos pela tirada das cartas e trinta francos para as velas e as missas, que a desenfeitiçadora prometia encomendar à uma certa capela miraculosa da Virgem.

Após breves trocas de cumprimentos, Madame Flora começa a tirar as cartas: cerca de uma hora e quinze minutos para o carteadado normal; e quarenta e cinco minutos com as cartas de tarôs de Mademoiselle Lenormand, um jogo de tarôs com imagens realistas do século 19⁶. Para terminar, a desenfeitiçadora prescreve rituais que os consultantes devem realizar quando chegarem em casa; ela dá a entender que, de sua parte e quando estiver sozinha, “*vai fazer o que tem a fazer*” [*fait ce qu'elle a à faire*] – (expressão da região do Bocage para designar a ação mágica da desenfeitiçadora).

De imediato, o que mais impressiona quando assiste-se às sessões, é seu caráter prodigiosamente enérgico. Os enfeitiçados chegam confusos, deprimidos, sem vontade para nada. Desde a primeira sessão, voltam a levantar a cabeça. Ainda que Madame Flora “*veja no jogo*” várias catástrofes (entre elas o tempo preciso de suas mortes caso não façam nada), os consultantes já sentem-se aliviados: “*agora sabemos em que pé estamos*” – dizem todos quando saem. A partir da terceira sessão, eles sentem-se bastante revigorados. Esperam a próxima sessão com impaciência, vivem-na com paixão e saem com a impressão de que suas vidas parecem uma novela de televisão ou um filme. Como a desenfeitiçadora consegue que as pessoas sintam-se mais estimuladas, a partir simplesmente do jogo de cartas e de sua fala?

⁵ A conversão de francos para euros, em 06/2018 é a de 1,50 euros para 10 francos. [NT]

⁶ Grand Jeu de Mademoiselle Lenormand, 54 cartes com livreto explicativo, Paris, s.d., Edições Grimaud. Marie Anne Adelaide Lenormand (1772-1843) foi uma famosa cartomante durante a época napoleônica. [NT]

CURAR-SE SEM SE DAR CONTA

Os enfeitiçados se apresentam como inocentes, oprimidos por desgraças repetidas e incompreensíveis: sua saúde é alterada, seus animais morrem, seus campos são estéreis, seus filhos adoecem. Eles são trabalhadores honestos, prestativos, bons cristãos – não desejam nem fazem mal a ninguém: porque então acontece tanto mal com eles? Como pode alguém desejar as suas mortes, a eles que são tão bons? (“*Nós fomos criados aprendendo a oferecer a outra face*”)? Eles insistem em dizer não terem nenhuma relação ou contato com o mal, a não ser o de sofrê-lo. E é deste odioso contato com o mal que eles pedem ao desenfeitiçador para lhes afastar.

Já que a característica principal dos enfeitiçados é a de não possuírem mais “*força*”, o objetivo de Madame Flora é o de lhes restituí-la. Como todo desenfeitiçador, ela sabe muito bem onde deve procurar essa força: junto àquele que possui um excedente de força, junto àquele que incarna a figura do feiticeiro, ou seja, junto à raiva, a violência e à agressividade. Mas é evidente que, se ela expusesse isso aos fóbicos do mal que são os enfeitiçados, e lhes declarasse: “Vocês querem ser fortes? Então façam como os feiticeiros, sejam maus, cretinos, invejosos”, jogariam tomates nela. Seu trabalho consiste, portanto, com sua aptidão, em reconectar os enfeitiçados à violência e ao mal – mas apesar de si e sem que eles compreendam o que se passa; levá-los a se comprometerem com o mal, mas sem jamais lhes dizer explicitamente e sem esperar que eles reconheçam isso.

Se os clientes não se dão conta, é porque Madame Flora se apresenta como não tendo nada a ver, ou quase, na atividade da clarividência. Em suma, ela seria apenas a porta voz do jogo.

No início da primeira sessão, a desenfeitiçadora não tem nenhuma informação sobre a história de seus novos clientes. Sem preliminares, ela mostra o maço de cartas do baralho e ordena ao chefe de família que corte, tire as cartas e as disponha na mesa com a face para baixo. Madame Flora vira as cartas, uma por uma, repetindo sempre que ela não as escolheu. Depois, comunica aos consultantes as mensagens do jogo: “*O jogo diz para você esperar*”; “*Vejamos o que o valete de espadas nos anuncia*”. Se, na sequência das tiragens das cartas o cliente venha a rebelar-se contra uma destas “mensagens”, ela responde logo: “*Mas veja o que você colocou lá [por exemplo, um nove de espadas, a morte]. E você repetiu de novo aqui!*”

Ela pode também, para provar a objetividade de seus comentários, mostrar a carta correspondente do *Pequeno Cartomante*, um baralho figurativo onde cada carta possui uma ilustração e um texto resumindo seu

significado “oficial”, “universal”⁷. Às vezes, Madame Flora atém-se a esse significado, às vezes ela o completa fazendo alusões à feitiçaria – já que o jogo não foi concebido para pensar essa situação particular. Por exemplo, ela mostra o dez de espadas com o comentário “*tristezas e lágrimas*” e diz: “*Veja: hipocrisia [feitiçaria], tristezas e lágrimas!*”

Sentar em frente à mesa de cartas equivale a ouvir Madame Flora expressar incansavelmente as informações dadas pelo “*jogo*”, como um repórter de rádio narrando uma partida de futebol: como este, ela se dedica a descrever o que vê e ouve, para aqueles que não veem e nada ouvem.

Por definição, as cartas podem representar todo o universo dos consultantes: seres humanos, animais, vegetais e máquinas; mas também, pensamentos ou atos, acontecimentos passados, presentes e futuros, situações reais, possíveis ou simplesmente imaginárias. Sentar em frente à mesa é, também, se expor a que sejam colocados em contato registros normalmente mantidos separados uns dos outros: uma carta aparece, relativa à realidade cotidiana mais banal, imediatamente seguida por outras que se referem ao imaginário (no sentido amplo do termo). Entre eu e o outro, entre meus atos e meus pensamentos, entre meus pensamentos e os do outro, entre aqueles pensamentos que eu tive e os que eu poderia ter tido, entre o acidente que não sofri na semana passada (mas que Madame Flora me descreve como um filme em câmera lenta) e o difícil parto do bezerro que eu consegui fazer ontem, não há mais que o intervalo de uma carta. É evidente que é a desenfeitiçadora que atribui cada carta a tal “objeto” do meu universo, e que decide que esse ás de espadas seguido pelo nove de copas indica minha morte iminente – desejada pelo feiticeiro, mas felizmente afastada em função das minhas proteções mágicas. Em outro contexto, Madame Flora teria decidido que essas mesmas duas cartas indicam o ciúme que meu vizinho tem da minha esplêndida colheita de beterrabas.

Durante a sessão, a desenfeitiçadora não para de interpretar as cartas: vendo nelas julgamentos de responsabilidades e dando-lhes vida, integrando-as aos episódios apresentados como reportagens ao vivo (todos os detalhes do acidente que eu deveria ter sofrido se o desejo do feiticeiro tivesse se realizado), ou como anotações feitas na hora (as ações da feiticeira “*mexendo*” na minha fazenda no exato instante em que eu consulto a tiragem das cartas). Entretanto, essa incessante atividade interpretativa não é perceptível, uma vez que as mensagens e os espetáculos são tidos como provenientes do “*jogo*”, instância soberana independente de qualquer vontade humana e, em particular, da vontade de Madame Flora.

⁷ “Le Petit Cartomancien”. Paris, s.d., Edições Grimaud. O Pequeno Cartomante é jogo composto por 36 cartas nas quais figuram desenhos de época, publicado por Baptiste-Paul Grimaud no fim do século 19. [NT].

O ENGRENADOR DE VIOLÊNCIA

Visualmente, o baralho de cartas é construído a partir de uma oposição de cores: as cartas vermelhas (ouro e copas) e as cartas pretas (espadas e paus). Em suas interpretações, Madame Flora utiliza essa oposição para desenvolver a conhecida figura retórica da antítese passando por imperceptíveis deslizes discursivos, de uma antítese das cores (cartas vermelhas, cartas pretas) a uma antítese dos valores plásticos (cartas claras, cartas sombrias) e, a partir disso, à exploração metafórica desses valores plásticos:

vermelho = claro = *o bem*
 preto = sombrio = *o mal*

Evidentemente, os consultantes rapidamente vêm sobre a mesa que há cartas vermelhas e pretas. Mas eles não prestam atenção particularmente ao fato que a desenfeitadora incute significações éticas e ontológicas naquilo que é visível.

vermelho = claro = bem = *enfeitado*
 preto = sombrio = mal = *feiticeiro*

Eles não prestam atenção por uma simples razão: esses significados antitéticos das cores correspondem exatamente à definição que os consultantes possuem deles mesmos e de seus feiticeiros: ser um enfeitado é ser absolutamente bom e, portanto, separados por uma distância intransponível do feiticeiro, que é absolutamente mau.

Ora, analisando a interpretação atribuída por Madame Flora às cores do baralho, identificamos um dispositivo formal destinado a comprometer os consultantes, sem que estes saibam, com o mal, com a violência, com o feiticeiro. Batizamos esse dispositivo de “engrenador de violência”.

Na bipartição do jogo de cartas:

vermelhas = claras = bem = *enfeitados*
 e pretas = sombrias = mal = *feiticeiros*,

A desenfeitadora introduz clandestinamente duas exceções capitais. Essas duas exceções se referem às figuras femininas em causa numa crise de feitiçaria, que são representadas pelas cartas de cor oposta àquela de sua respectiva parte:

A *feiticeira* é sempre representada pela dama de ouros, ou seja, uma

carta vermelha, clara.

A *enfeitada*, quando ela vem sozinha a consulta (seu marido estando ocupado por alguma tarefa urgente) é representada pela dama de espadas, ou seja, uma carta preta, sombria, implicitamente o mal. A aparição da dama de espadas nesse contexto, recebe um comentário obrigatório: “*No futuro, você será viúva*”. Quando o marido está presente, sua esposa não é representada por nenhuma carta específica, conforme a ideologia do domínio agrícola que prega que todos os membros sejam integrados ao dono do nome, ao mestre do domínio. Madame Flora trata então a dama de espadas como uma carta de espadas em geral.

As figuras masculinas em causa numa crise de feitiçaria são representadas por cartas de cor relacionadas às suas respectivas partes:

O *feiticeiro* é o rei de espadas, portanto preto = sombrio = mal

O *enfeitado* é o rei de ouros, portanto vermelho = claro = bem. A aparição do rei de ouros recebe o comentário obrigatório: “*Você sai como um justiceiro*”. Isso significa: no futuro indeterminado, mas próximo, você fará justiça com seu inimigo.

Assim, os dois casais oficiais do jogo (rei e dama de espadas, rei e dama de ouros), encarregados de representar as figuras masculinas e femininas de uma crise de feitiçaria, são cruzados: os dois membros do casal enfeitado são visualmente e imaginariamente acoplados aos dois membros do casal feiticeiro.

- rei de ouros = *enfeitado*
- dama de ouros = *feiticeira*
- dama de espadas = *enfeitada*
- rei de espadas = *feiticeiro*.

Esse cruzamento não é percebido pelos consultantes (não mais que pela antropóloga durante o trabalho de campo). Ora, apenas o fato de admitir, implicitamente, essas identificações inicia o processo de comprometimento com a violência, com o mal/com a força. No discurso de Madame Flora, este “engrenador de violência” funciona de maneira realmente imperceptível. Daí a sua eficácia.

A desenfeitadora, entretanto, não indica jamais que a dama de ouros (que representa a feiticeira) é uma carta boa já que é vermelha e clara. Ela não diz e nem mesmo sugere que a feiticeira possa ser boa. Ao contrário, Madame Flora aciona toda sua fúria retórica contra a “*grande vadia*” [“*la rempâtée salope*”]. Ao mesmo tempo, impõe ao homem enfeitado a evidência tácita que, enquanto rei de ouros, ele é associado/acoplado à dama de ouros.

Ainda, Madame Flora não afirma que a dama de espadas (que representa a esposa enfeitada, vinda sozinha à consulta) seja uma carta boa, já que é preta e anuncia uma morte: *“No futuro, você se tornará uma viúva”*. A desenfeitadora não salienta igualmente que a enfeitada, a mulher boa por definição, é aqui representada por uma carta má. Aqui ela se contenta, também, em impor à sua cliente a evidência tácita de que, enquanto dama de espadas, ela é associada/acoplada ao rei de espadas.

Entretanto, e de forma hábil, Madame Flora aproveita as vantagens dessa identidade: *“Você, você é forte”* – tal é o tema da sessão. Você, você é forte, não é como aquele fracote do seu marido, e é por isso que você – num futuro distante – se tornará viúva, ou seja, sobreviverá. Dessa forma, cada vez que a esposa vai sozinha à consulta, seu envolvimento com a violência avança. Uma vez que, armada desta confiança de que é forte, a esposa começa a dinamizar seu marido – fora da consulta – utilizando-se dos procedimentos ordinários da manipulação conjugal.

Esse dispositivo, o “engrenador de violência”, é tanto necessário quanto insuficiente. Não há dúvidas de que não basta afirmar que “a dama de ouros, é a feiticeira” para produzir efeitos naquele que é representado pelo rei de ouros, o consultante. Não basta, também, dizer categoricamente à esposa, vinda sozinha à consulta, “você é forte” para obter dela esse envolvimento com a violência. Para induzir essas mensagens, Madame Flora coloca em marcha uma bateria de meios retóricos e dramáticos, dos quais daremos uma breve amostra a seguir.

A desenfeitadora pode virar uma carta preta e não comentá-la, mas ela solta um grito de horror: *“Aaah!”* Depois, seu rosto torna-se cada vez mais preocupado e ela deixa passar três cartas pretas em silêncio. Na quinta carta, fala entredentes: *“Ah sim!”* Se a sexta ou a sétima carta for uma dama de ouros, a desenfeitadora a atira sobre a mesa, de um gesto seco. Ela pega sua bengala, dá uma grande batida sobre a mesa e fala rapidamente e aumentado o tom da voz: *“Ah! A cretina, a vizinha miserável, a dama de ouros: ela te odeia a morte”* (expressão consagrada que significa: “é ela, a sua feiticeira”)!

Madame Flora reúne, então, as cartas precedentes e as tira, uma a uma: *“Veja só: aconteceu uma calamidade na sua casa”, “Veja como isso é refinado!”*, *“Talvez não tenha sido ela que o fez (jogar o feitiço), mas ela mandou fazer”*, *“E então, olhe só a mulher infernal que está atrás de você!”*. Notemos alguns procedimentos estilísticos visando engajar a adesão dos consultantes: a importância das rimas internas (cretina, vizinha); as rimas começando pela mesma letra (a miserável, a vadia); a frequência do fonema “f” (hipócrita, refinada, mulher infernal, catástrofe, faz, fazer) que sugere a impressão do trabalho pífido ao qual se livram os feiticeiros, enfim, o

crescimento dos ritmos⁸.

O BARALHO COMO PERCURSO TERAPÊUTICO

Para trabalhar à vontade, Madame Flora constituiu um jogo de 74 cartas, misturando dois baralhos – um com a face de trás azul e o outro vermelho. Esse baralho comporta nas quatro cores (espadas, copas...), todas as outras cartas a partir do seis e mais dois coringas. O exame das sessões registradas permite-nos dizer o seguinte: a vidente inventou suas próprias regras de interpretação, mas as respeita sem trapacear; e ela permite-se uma margem de liberdade, mas claramente circunscrita.

Digamos, para resumir, que um lote de 34 cartas com significação definida se opõe a um lote de 40 cartas com significação livre.

Trinta e quatro cartas de significação definida

Nesse primeiro lote, Madame Flora escolheu 24 cartas que constituem os suportes verdadeiros de sua eloquência: são as 20 que falam do pior (suas preferidas) e 4, que falam do melhor, o triunfo dos consultantes, mais sobre a forma do mal que esse triunfo infligirá aos feiticeiros. Cada carta tem uma significação distinta: a “doença” não se confunde com a “morte”, nem a “hipocrisia, tristeza e lágrimas” com o “divórcio”. Essas cartas maléficas servem ao gosto da vidente pela hipérbole, e é em relação a estas que emprega uma intensidade oratória maximal.

As 10 outras cartas desse lote de 34 tem uma significação indistintamente favorável. Madame Flora se serve delas para manipular a paixão pelo bem, da qual sofrem os seus clientes e para esmorecer sua resistência à agressividade. Ela é capaz de proferir monólogos intermináveis sobre essas cartas “benéficas”, utilizando uma linguagem livre e expressões do senso comum, com a preocupação manifesta de economizar sua energia oratória: “*É bem como você pensou*”, “*Um grande triunfo vai acontecer*”, “*Sem dúvida, não poderia ser melhor*”.

Essas 34 cartas com significação definida manifestam um discurso sobre o bem e o mal – o discurso próprio da feiticeira: as 24 cartas relacionadas ao mal exprimem o ponto de vista da desenfeiticeira, ou o ponto de vista dos enfeiticeiros que se tornaram combativos e firmemente decididos a responder aos feiticeiros golpe por golpe. As 10 cartas relacionadas ao bem expressam o ponto de vista dos enfeiticeiros em início

⁸ Evidentemente, a análise só faz sentido em língua francesa: (félina, voisine); (la sale, la salope); (félina, raffiné, femme infernale, fléau, fait, fait faire). [NT]

de cura, esses maníacos do bem. Em função do pouco que elas têm a dizer (o bem é bom), apenas uma significação é suficiente, ainda que ela possa ser modulada nessas 10 cartas.

No conjunto do jogo, essas 34 cartas que enunciam o discurso da feitiçaria são as únicas que a vidente designa pelo seu nome: “*Dez de espadas, hipocrisia, infelicidades e lágrimas*”, “*Ah! A cretina, a vizinha miserável... a dama de ouros*”. A aparição de uma dessas cartas exige um comentário que a vidente pode, eventualmente, retardar para esse “*suspense*” produzir efeitos retóricos interessantes (vimos um exemplo acima): nunca a vidente se permitirá ignorar pura e simplesmente uma destas cartas com significação definida. Enfim, a aparição de uma dessas cartas não autoriza um comentário qualquer. Por exemplo, seria impossível escutar Madame Flora dizendo, quando aparece uma dama de ouros, “Oh, que boa vizinha você tem”. Aliás, uma parte da credibilidade da vidente relaciona-se ao fato de que os consultantes aprenderam a observar as cartas (ensinadas pelo viés dela) e que eles verificam, várias vezes por sessão, com qual rigor ela se mantém coerente com suas regras.

Quarenta cartas de significação livre

O segundo lote compreende 40 cartas de significação livre. A aparição dessas cartas, quando são comentadas – o que não é sempre o caso – dá lugar seja a enunciados inconsistentes (vagamente favoráveis ou desfavoráveis, superficialmente informativos), sejam enunciados aparentemente arbitrários – nada indica o porquê de tal enunciado comentar tal carta em detrimento de outra.

Quando Madame Flora vira essas cartas, ela não parece nem entediada, como nos momentos quando deve comentar uma das 10 cartas “benéficas”, nem se exaltar, como quando tem a sorte de cair numa das 24 cartas “maléficas”. Então, o que ela faz com as 40 cartas de significação livre? Ela bisbilhota, procura identificar as preocupações dos consultantes em relação às situações da vida cotidiana que lhes causam aflições: pode se tratar tanto de um encontro inevitável com os feiticeiros, quanto de uma questão administrativa delicada ou uma negociação com alguém do qual não se sabe as intenções. A essas preocupações, Madame Flora chama de “*pensamentos*” e convida os clientes a “*perguntar para o baralho*” esclarecimentos sobre cada um deles.

Quando profere o discurso da feitiçaria, apoiando-se nas 24 cartas com significação definida, a vidente se manifesta exclusivamente com frases afirmativas ou exclamativas. Por outro lado, quando bisbilhota no lote de 40 cartas de significação livre para identificar os “*pensamentos*” dos consultantes, suas frases são sempre interrogativas: “*Nesse momento, teria alguma coisa que não anda bem com os porcos; é verdade ou não?*”

Quando ela expressa tais hipóteses seguidas de questões, a voz de Madame Flora se torna tênue, leve, aérea, mas tão rápida que os clientes não se ouvem respondendo: “*Nós não dizemos nada, ela adivinha tudo!*”, maravilham-se em seguida. “*Ela nos lê como um livro aberto.*”

Poderíamos dizer que o jogo configura um percurso terapêutico. A manipulação das cartas de significação livre permite à vidente converter em “*pensamentos*” – em fórmulas fáceis de memorizar – a massa disforme de afetos, de situações geradoras de ansiedade e de episódios traumáticos que paralisam os consultantes no início da cura. Madame Flora abre então com os consultantes uma negociação separada sobre cada “*pensamento*”, negociação que acaba quando eles admitem sem protesto a escuta das fórmulas de negociação do discurso do mal. Se for necessário, a terapeuta tem paciência para deixar tal “*pensamento*” estacionar em meio ao paraíso das 10 cartas “benéficas” durante várias tiragens.

Os significados das cartas desenhadas, assim, as formações discursivas que os “*pensamentos*” devem atravessar, sucessivamente, para que ocorra o desenfeitiçamento: cada vez que Madame Flora expressa sob a forma de um “*pensamento*” um elemento qualquer do universo dos consultantes, obtém uma operação de simbolização mínima; cada vez que ela conduz um pensamento do discurso da vida ordinária para um discurso do mal, faz aos seus clientes uma proposição terapêutica; e cada vez que estes são capazes de retomar por si mesmos esta proposição e agir, eles se desenfeitiçam.

A PROVA PELOS TARÔS

Quando da execução do trabalho do baralho, todas as questões relativas à situação atual dos consultantes e aos avatares de suas relações com o feiticeiro já foram passadas em revista, e o conjunto das informações, resumido várias vezes. O trabalho com os tarôs, portanto, não tem como objetivo produzir informações complementares, mas insinuar no imaginário dos consultantes aquilo que “foi visto” no baralho, utilizando conjuntamente estímulos visuais (os desenhos figurativos do tarô) e os estímulos auditivos (o discurso metafórico de Madame Flora, as modulações de sua voz). Como no trabalho do baralho, as cartas são tiradas sobre os diferentes “objetos” do domínio, mas “*o jogo*”, isto é, a desenfeitiçadora, responde numa língua mais sofisticada, poética.

Do ponto de vista gráfico, o *Grande Tarô de Mademoiselle Lenormand* que se constitui de 52 cartas ou lâminas, é um jogo extremamente complexo. Cada lâmina, com figuras coloridas, apresenta os seguintes elementos: uma carta do baralho em miniatura (cuja lâmina é considerada como homóloga), um signo astrológico, um emblema floral e,

enfim, três cenas ou “assuntos”, um grande e dois pequenos.

A única coisa que interessa à vidente, nesse tumulto de signos e desenhos, são os assuntos. E ainda, nem todos. Sobre os 165 que compõem o jogo, ela comenta cerca de um terço: apenas aqueles que concernem à morte, à devoração, ao envenenamento, ao rapto, à guerra (que é feita pelos heróis da mitologia grega), a um prodígio – resumidamente, aqueles considerados aptos a alimentar sua inspiração sobre a raiva, a violência, a “força” e a morte do feiticeiro... Evidentemente, o sentido que ela dá a essas imagens não tem estritamente nenhuma relação com a que lhe dá a suposta inventora do jogo [Mademoiselle Lenormand]; e, da mitologia grega, Madame Flora não retém senão sua expressão plástica, interpretada ao pé da letra (uma ação violenta, um prodígio).

A partir dessas imagens, a desenfeitiçadora profere discursos inspirados, aos quais os consultantes raramente resistem. Mesmo os mais obstinados a manter uma certa distância, dobram-se a uma figura retórica particularmente bem lançada e começam a desejar a morte ou torturas sem fim ao seu feiticeiro. Para eles, é quase impossível não render-se a essa acumulação de provas visuais e auditivas do que são ameaçados: ameaçados de destruição, como as muralhas de Tróia por esse “*cavalo galopante que ergue tudo na sua passagem*”; fuzilados como esse herói frente ao pelotão de execução. Essas imagens passam tão rápido como *flashes* publicitários e a voz tensa de Madame Flora as completam, as deformam, dando significados novos que não anulam os antigos (as ameaças não precisam jamais ser coerentes para serem temidas). A superposição desses *flashes* e dessas metáforas não deixa de suscitar no consultante uma desordem de imagens arcaicas. Um ser desconhecido para ele, que rompeu com a civilidade e o respeito começa, agora, a falar de vingança impiedosa e de morte atroz.

Como pode-se supor, essa parte da sessão provoca, regularmente, a amnésia, uma vez que seu resultado é o de levar além seu cliente na aceitação dos seus votos de morte (mas que nem por isso é o reconhecimento).

O DESMONTE DA SITUAÇÃO PROVOCADORA DE ANSIEDADE

Os enfeitiçados sendo, por definição, desprovidos de força, o estado clínico é que são incapazes de enfrentar as relações de força, tanto com seus feiticeiros quanto com seus parceiros de negócios ou com os representantes da autoridade administrativa. Quando a desenfeitiçadora percebe que ele está impressionado por algum deles, ou que ele sente-se

ameaçado e arrisca de perder, sem ao menos tentar se defender, intervém em seu nome, e não mais em nome do jogo de baralho. Ela começa a colocar uma série de questões e a orientar o consultante, detalhadamente, sobre o comportamento correto a seguir, ou seja, agressivo, com infinitos detalhes. Ela simula todas as possibilidades: “*E se eles cobrarem uma dívida, você lhes dirá que sim, que vai pagar, mas que eles justifiquem essa dívida!*” Ela atua, sucessivamente, os papéis dos dois participantes, e fornece uma resposta para cada eventualidade. Baliza, assim, o campo das possibilidades com uma tal precisão que o consultante, quando estiver frente à frente com seu adversário, disporá de um esquema de comportamento bem detalhado. Ainda que se produza uma eventualidade que a desenfeitiçadora não tenha previsto, os esquemas de conduta agressiva-defensiva que ela desenvolveu colocam o consultante em medida de inventar, imediatamente, a resposta conveniente. Além disso, ele se apoia na ideia da narrativa que fará, na sessão seguinte à Madame Flora, e na certeza de que ela o aplaudirá pelas boas respostas que obteve.

Durante essas explicações detalhadas de situações concretas, Madame Flora não deixa de insistir sobre a necessidade de estabelecer uma distinção clara entre, de um lado, a pessoa do consultante e, de outro, os grandes princípios do Direito e da Verdade que ela lhe propõe de expressar. Por exemplo: “*Você não pede por você, você pede porque tem direito*”; “*Você não diz nada de mal, você apenas diz a verdade*”. Por ocasião de uma entrevista com o diretor de uma agência bancária ou com um comprador de um lote de porcos, a vidente chama a atenção para o fato de que uma questão mais fundamental está em jogo: a ordem ética do mundo. É esta ordem ética que ele está encarregado de defender. A partir daí, chega a se convencer de que o negócio que teme enfrentar, não é realmente sua pessoa que está em causa, então oporá uma força tranquila ao seu adversário.

A PRESCRIÇÃO DOS ATOS

Ao final da primeira sessão, Madame Flora prescreve aos consultantes um programa de ações que eles devem colocar em prática imediatamente. Inicialmente, indica com minúcia de detalhes como obter, longe de suas moradias, os ingredientes das proteções mágicas e como devem confeccioná-las: um saco de tecido vermelho contendo sal benzido, um pedaço de círio pascal e uma medalha de São Benedito; um prato cheio de água benta onde mergulha-se um carvão de madeira; uma placa espetada de pregos, entre outros.

Os enfeitiçados devem aprender algumas rezas de proteção mágica, ditadas por Madame Flora nas quais deixa em branco os nomes dos

possíveis feiticeiros para que os enfeitiçados os indiquem. Dito de outra forma: ela lhes deixa a responsabilidade da nomeação que, no pensamento da feitiçaria, é um ato de agressão mágica suscetível de desencadear um processo mortal. Essas preces devem ser recitadas ordinariamente pela manhã, ao meio-dia e pela noite e, de maneira extraordinária, se ocorrer um contato, mesmo que trivial, com um dos suspeitos ou mesmo se houver uma dúvida ou temor com relação a um novo suspeito.

“É necessário fechar tudo.” Seja realmente construindo cercas ou colocando fechaduras nas portas; seja, magicamente, colocando a medalha, a água e o sal benzidos nos pontos estratégicos da propriedade. Cada elemento será fechado de todas as maneiras possíveis⁹. Tal como o carro: aí será colocada a medalha de São Benedito e a água benta vai ser respingada sobre o capô. Ele ficará numa garagem trancada e com as portas fechadas à chave; quando for usado, a pessoa que dirigir terá que alfinetar um saquinho protetor perto de sua pele e colocar sal benzido nos seus bolsos. Para os elementos materiais difíceis de “fechar”, como, por exemplo, os campos, os animais nos pastos, manobras de isolamento (“fazendo a volta” e jogando sal benzido) serão combinadas com manobras de bloqueio (vedação das aberturas¹⁰ com ingredientes mágicos). Essas operações serão reiteradas em datas precisas (os períodos considerados nefastos pelo calendário), nos momentos decisivos do ciclo produtivo-reprodutivo (antes de semear, nos partos dos animais e nos das mulheres) e, em tempos ordinários, ao menor sinal – ou seja, casos de contato, potencial ou real, com os feiticeiros.

No que diz respeito aos feiticeiros, os enfeitiçados devem adotar uma série de comportamentos específicos. As relações com eles devem ser evitadas: não frequentar suas casas, não falar com eles, não aceitar seus apertos de mão, não tocar em nada que eles tenham tocado¹¹. Os contatos inevitáveis serão neutralizados: se um feiticeiro falar com você e seja necessário lhe responder, você deve limitar-se a repetir as últimas palavras que ele disse. Se ele lhe encarar, não abaixar o olhar. Se ele tomar a iniciativa de entrar na sua casa, “salgue a bunda dele”, jogar sal benzido nas suas costas.

Enfim, último ponto do programa, os enfeitiçados deverão exercer uma vigilância rigorosa, para não dizer uma verdadeira espionagem, sobre

⁹ Em princípio, este estado de bloqueio generalizado é necessário, uma vez que a identidade e o número dos feiticeiros ainda não está definido; enquanto a repetição dos infortúnios não cessar, é porque um feiticeiro não identificado atua na área.

¹⁰ O termo “abertura” deve ser entendido no sentido literal (a boca dos animais, as soleiras das construções, as entradas dos caminhos) e também numa multiplicidade de sentidos metafóricos (as partes doentes dos animais e dos seres humanos, da pessoa do feiticeiro).

¹¹ Melhor ainda, queimar todos os objetos que os feiticeiros tenham tocado: o pão que habitualmente eles pegam para você na padaria, uma ferramenta preferida que eles lhe devolvem...

os suspeitos: por um lado, para chegar na seleção dos culpados e, por outro, para reparar nos comportamentos anormais dos suspeitos e seus eventuais atos maléficis.

Para diminuir a aversão ao mal, característica dos enfeitiçados, a desenfeitiçadora apresenta estas prescrições como simples medidas de autodefesa – mas todas possuem uma dimensão de agressão. Dessa forma, as preces dirigidas a um “*Deus misericordioso*” ou às “*Três Virgens*”, contém uma denúncia formal dos feiticeiros, e a solicitação de seus castigos segundo a Lei de Talião. A “*força*” de São Benedito, concentrada nas medalhas benzidas, protege os limiares das construções e é considerada, também, como capaz de fazer recuar o feiticeiro que tentar ultrapassar esse limite, dando-lhe um golpe tão violento que ele se lembrará de nunca mais tentar. Os saquinhos que os enfeitiçados não devem jamais deixar de usar são repletos de proteções, mas também de pregos, “*daquilo que espeta*”.

Numa região onde roubos e assassinatos são raros (a taxa mais baixa da França) e nada é “*trancado*”, onde os animais pastam ao ar livre em todas as estações, onde as construções das fazendas não são protegidas senão do vento e onde as casas tem uma fechadura simbólica (é um hábito, em caso de ausência, deixar a chave num forno de pão abandonado), colocar barreiras visíveis tais como cercas e fechaduras é afrontar aos seus conhecidos, é mostrar-lhes que eles são considerados como malfeitores. As prescrições de evitamentos, ou de neutralização de contatos inevitáveis, equivalem, também, a insultos. De relação habitual, um amigo vê-se, do dia para a noite, rejeitado de mil maneiras¹²: não o cumprimentamos mais, não aceitamos dele nenhum serviço e, também, não lhe retribuimos, lhe encaramos sem piscar até que ele baixe o olhar, etc. Colocar essas barreiras ordinárias é, por conseguinte, e sem dizer palavra, atos de agressão que equivalem a um longo discurso.

Para a família enfeitiçada, seguir tantas regras equivale a uma mudança de vida substancial. O espaço é reorganizado pelas proteções mágicas e o tempo é pontuado pelas operações rituais. Aconteça o que acontecer, mesmo uma infelicidade, os enfeitiçados não se sentirão mais sozinhos: a lembrança dos esquemas de ação, minuciosamente estabelecidos por Madame Flora, os acompanharão ao longo dos dias; suas conversas serão debates sobre os detalhes cerimoniais (na prece da noite, quem deve colocar a mão na água benzida? O chefe de família ou qualquer um?); suas conversas serão tentativas para reconstituir o discurso da desenfeitiçadora, tantos esboços de relatos e especificações que eles farão disso verdadeiros acontecimentos.

¹² O desenfeitiçador evita, tanto quanto possível, nomear alguém com quem o enfeitiçado esteja em conflito aberto. Por conseguinte, o feiticeiro designado geralmente não se sente culpado por nada e, inicialmente, nem compreende o que se passa.

Essa mobilização constante produz dois tipos de efeitos: por um lado, focaliza a atenção dos enfeitiçados sobre a seleção do ou dos culpados e, depois, sobre a observação frenética deles. Por outro lado, os rituais – numerosos, mas de fácil execução – vão desviar suas atenções da infelicidade e do fracasso, e fazer-lhes experimentar o prazer de agir de forma eficaz.

A VOZ DA TERAPEUTA COMO UM ENVOLVIMENTO GENERALIZADO

O dispositivo terapêutico inventado por Madame Flora compreende, portanto, três elementos distintos, mas arranjados na aparente continuidade do trabalho da cartomancia: caso seja questionado aos consultantes o que faz Madame Flora, todos (incluindo a etnógrafa que assistiu à várias consultas) respondem que ela “*tira as cartas, só isso*”. Nós não tínhamos nos dado conta dos outros elementos (o desmonte da situação geradora da ansiedade, a prescrição dos atos), senão mediante um trabalho preciso sobre as gravações sonoras realizadas. Ficou claro para nós que a cartomancia propriamente dita ocupa cerca da metade do tempo de uma sessão, mas essa limitação é imperceptível para os consultantes: o desmonte da situação geradora de ansiedade é envolvido na tiragem das cartas, e a prescrição dos atos, nas trivialidades de final da sessão.

O que dá a unidade profunda da sessão é a voz de Madame Flora, que “prende” o consultante desde a sua chegada e não o larga mais nem por um segundo: ela cobre todos os registros imagináveis (o drama, a familiaridade, a ternura, a ferocidade...). Mas, sobretudo, ela passa de um a outro com uma agilidade inigualável, e sem jamais deixar o consultante abandonado à si. Esse envolvimento generalizado do “doente” pela voz da terapeuta constitui um elemento essencial do “cuidado” que ela manifesta aos consultantes. A partir daí, nos resta produzir uma análise que utilize, conjuntamente, os recursos da musicologia e da psicologia clínica.

Recebido em: 16/05/2018.

Aprovado em: 22/06/2018.

Publicado em: 25/12/2018.